

galeria	nara	roesler
	not	vital
		saudade

12.11.2018 > 19.01.2019

Saudade

Giorgia von Albertini

No universo de Not Vital, símbolos e materiais viajam em alta velocidade pelas estradas metamórficas da alquimia. Ao redefinir o possível, Vital nos apresenta obras de arte singulares, que nos instigam a adquirir novas maneiras de enxergar e pensar.

Subitamente, flores de Lótus (*Lotus*) apresentam-se totalmente vestidas em aço inoxidável refletivo. Apartadas do universo mortal do orgânico, carregam botões que reluzirão eternamente em isolamento. Bengalas (*Walking Sticks*) são abruptamente apartadas de sua função por seu tamanho ampliado, dispostas diante de nós como totens utópicos. Uma língua (*Tongue*) se transforma num obelisco, e a lua (*Moon*) desce à Terra. Paisagens terrestres e marítimas (*Landscapes, Seascapes*) emergem lenta, porém inequivocamente, de placas de mármore. Retratos (*Portraits*) de personalidades conhecidas, como Oscar Niemeyer, materializam-se na forma de elegantes esculturas cúbicas de prata. Galhos de árvores de bronze brancas estendem-se às alturas. Ao procurarmos em vão suas folhas, encontramos aglomerações de letras que, juntas, revelam significado. Desenhos (*Drawings*), por outro lado, repentinamente deixam de ser bidimensionais, adquirindo qualidade escultural através de materiais não-convencionais.

Ao analisar-se a capacidade de transformação de Vital, numa tentativa de melhor compreender sua capacidade de descontextualizar, reconfigurar e realocar fragmentos e símbolos culturais, sua própria mobilidade emerge como importante variável explanatória: Vital nasceu em 1948 em Sent, um pequeno vilarejo entre as montanhas, no Vale de Engadin, Suíça. Aos 18 anos, mudou-se para Paris; pouco depois, para Roma; e então para Nova York, em 1976. Desde então, tem viajado incessantemente aos quatro cantos do mundo, tendo vivido e trabalhado periodicamente em Agadèz (Níger), Lucca (Itália), Beijing (China), Patagônia (Chile) e Rio de Janeiro (Brasil).

Guiado por uma necessidade aparentemente inesgotável de descobrir o mundo, suas culturas e tradições, Vital mergulha

em novos mundos com uma facilidade prodigiosa. Muitas das regiões que mais o interessam são remotas e de difícil acesso, mas isso não o impede – pelo contrário. Ele aprende e colabora com os métodos locais de manufatura prevalentes nessas regiões, realizando obras de arte e projetos tão móveis quanto ele próprio.

As obras reunidas nesta exposição são resultado da *vita activa* multi-local de Vital que aqui descrevi brevemente. Muitas foram produzidas em seu ateliê em Beijing – por trabalhadores habilidosos que compreendem tanto a busca pela forma perfeita de Vital quanto a importância do toque humano em sua obra. Por outro lado, em contraste com a maioria das esculturas de aço inoxidável de grandes dimensões, essas obras não são moldadas, e sim feitas à mão. No decorrer desse processo, centenas de pequenos painéis de aço bruto são martelados, soldados entre si e minuciosamente polidos. Nascidas de uma sinfonia de golpes de martelo, as esculturas de Vital trazem em si o toque humano e, ainda assim, exalam uma espécie de quietude profunda, utópica.

As Lótus (*Lotus*), de Vital, têm sua origem conceitual num contexto especificamente chinês. A primeira série de trabalhos do artista a inspirar-se na flor de lótus foi uma instalação – composta por cem dessas flores, diferentes entre si, dispostas no chão – intitulada *Let One Hundred Flowers Bloom* (2008). Se a dimensão óptica da obra é profundamente meditativa e estética, o título revela uma dimensão política: remete a uma campanha lançada por Mao Tsé-Tung na década de 1950, que incentivava as pessoas a comunicarem sua opinião sobre o regime, num espírito de franco debate e progresso. Porém, quando intelectuais e críticos começaram a se expressar, houve retaliação imediata, e os dissidentes foram severamente punidos. Apresentada com botões fechados, ceifados antes de florescer, as *Lotus*, de Vital, dizem respeito tanto à inércia forçada quanto à vitalidade potencial.¹ Ao longo dos últimos dez anos, Vital criou diferentes versões de *Lotus*, cada uma delas única, apresentando uma postura ou sentimento diferente.

E embora as longas e totêmicas bengalas (*Walking Sticks*, 2012) incluídas nesta exposição tenham sido produzidas na China, sua forma foi encontrada por Vital num período anterior a suas viagens – ainda criança, em Engadin, onde nasceu. Ali, nas imponentes montanhas, as crianças crescem coletando e entalhando bengalas de madeira, e observando as gerações mais velhas galgarem as encostas com seu auxílio. Um prolífico colecionador, Vital mantém uma grande quantidade dessas bengalas em sua Fundação em Ardez, Suíça. Com o tempo e as viagens, diferentes bengalas do mundo todo juntaram-se à coleção. No período em que o artista viveu na China distante, esse símbolo familiar materializou-se numa escultura surreal: ampliada em mais de três vezes sua altura original, a versão em aço inoxidável das bengalas de Vital liberta-se de qualquer propósito utilitário, erigindo-se a fantásticas alturas.

No conjunto da obra de Vital, determinadas formas são recorrentes e, no entanto, devido à sua constante metamorfose, nunca nos acostumamos a elas. A língua (*Tongue*, 2010) é uma das formas que Vital vem materializando nos mais variados e surpreendentes materiais e tamanhos por décadas: surgiu pela primeira vez em 1985, pouco após o artista ter visto uma língua de vaca num açougue em Lucca,

1. Sarah Coulson, "Not Vital at Yorkshire Sculpture Park: Guide to the Exhibition", in *Not Vital* (Great Britain: Yorkshire Sculpture Park, 2016).

Itália. Esta língua tinha 39 cm de comprimento, estranhamente inerte e, no entanto, dotada de uma espécie de vitalidade surreal. Vital imediatamente reconheceu o potencial escultural desse órgão e vislumbrou um caminho de transformação que o permitiria transmutar o familiar em exótico, o orgânico em utópico: em vez de nos mostrar a usual ponta da língua, ele a mostra integralmente; ao invés de apresentá-la horizontalmente, tal como existe no mundo orgânico, opta por fazê-lo verticalmente. Assim, por meio de uma alquimia silenciosa, tudo pode mudar.

Outro símbolo de suma importância na obra de Vital é a lua: fascinado com ela durante toda sua vida, chegou a construir uma casa no Deserto do Saara só para observá-la. *Lua* (Moon, 2017) é uma das ações mais impressionantes de Vital em sua incessante busca pelo satélite terrestre: inteiramente materializada em mármore branco, esta esfera grande e perfeita de fato parece pertencer a outro mundo. Ao percorrê-la lua com os olhos e acariciar suas crateras, suas sombras e sua superfície silenciosamente animada, somos levados a nos perguntar: será que Vital trouxe a lua à Terra, ou será que nos transportou ao universo?

O mármore há muito tem sido um material importante na obra de Vital. Em estreita colaboração com entalhadores de mármore em Pietrasanta, Itália, o artista realizou inúmeras esculturas desde meados da década de 1980, entre elas sapatos para escalar as montanhas de Engadin, onde nasceu; autorretratos; e até uma torre acessível de mármore com nada menos que 9 metros de altura. Desde 2011, Vital também incorporou o mármore chinês aos seus trabalhos. Durante uma viagem a Dali, na Província de Yunnan, deparou-se com as chamadas *pedras de sonho*. Em Dali, desde tempos imemoriais, o mármore é cortado em busca de imagens ocultas no interior dos misteriosos padrões variegados que o formam. Fascinado pela maneira como, nessas pedras, a formação mineral transforma-se em imagem e o sonho em realidade, Vital vem colecionando preciosos mármore Dali desde então. Ao enquadrar essas finas placas de mármore em construções geométricas de gesso brancas, o artista acentua seu elemento de pintura, bem como suas qualidades alucinatórias. Obras como *Landscape* (Paisagem terrestre, 2017) ou *Seascape* (Paisagem marítima, 2017) nos levam a perceber que a visão mnemônica e a capacidade de sonhar a realidade são partes essenciais de nosso aparelho sensorial.

Os retratos (*Portraits*) em prata, em andamento, nos quais Vital retrata pessoas próximas ou importantes para si, são outro conceito essencial em sua obra multifacetada. Esses retratos são sempre compostos de duas caixas de prata que tomam forma e volume com base na data de nascimento daqueles que representam. Nesta exposição, vemos um retrato de Nara Roesler, que não só é colaboradora e amiga de Vital desde sempre, mas uma importante fonte de inspiração para muitas mulheres que trabalham num campo artístico dominado por homens. Encontramos também Oscar Niemeyer, Ayrton Senna, Pelé e Caetano Veloso – indivíduos que fizeram importantes contribuições em seus respectivos campos de atuação, com talento, caráter e humanidade. Os retratos em prata, minimalistas, porém cheios de alma, foram todos feitos à mão por artesãos do Níger com quem Vital trabalha há mais de 15 anos; a colaboração prossegue mesmo em tempos de profunda crise política e humanitária.

Numa discussão exemplar de apenas cinco trabalhos de Vital, já visitamos diversos locais: China, Suíça, Itália e Níger. Por

estar sempre viajando, Vital conhece tanto a necessidade da distância quanto a de voltar para casa. No Brasil, encontrou o mais belo nome para essa sensação de sentir falta, que sempre o acompanhará em suas empreitadas: *Saudade*. Desde 2011, o Rio de Janeiro tornou-se um segundo lar para Vital; um lugar sem igual. Num período em que morou em seu vale natal na Suíça, no último verão, o artista criou moldes em bronze de duas árvores nativas, colocando uma letra em cada um de seus galhos. Juntas, essas letras desenhadas à mão formam a palavra *Saudade* – escrita numa árvore de sua terra, ao sentir saudades do Brasil. Agora, os galhos brancos dessas árvores literárias se estendem, alcançando novamente atmosferas brasileiras: no universo de Vital, todo objeto encontra seu lugar.

O Rio de Janeiro não só se tornou um segundo lar para Vital, mas também provou ser o melhor lugar para desenhar. Em Santa Teresa, onde Vital vive, não é tão fácil encontrar materiais artísticos quanto em Nova York, Pequim ou Suíça. E é exatamente isso que Vital adora: fazer *desenhos* com o que tem à mão, usando não só lápis, mas também materiais não ortodoxos como fita, cotonetes, adesivos de silicone e sacos plásticos. O desenho, para Vital, é um canal para externar emoções, bem como um playground de experimentos. Armado de uma boa dose de sagacidade surrealista, Vital abandona o papel para criar desenhos que, com suas composições materiais incríveis, frequentemente transcendem o âmbito bidimensional. Suas obras em papel nos incitam a ver tanto o meio do desenho quanto os temas retratados com um novo olhar: a montanha em frente à casa de Vital no Engadin subitamente se materializa na forma de um saco plástico, no Rio de Janeiro.

Em sincronia com a vida nômade de Not Vital, sua arte migra como num sonho entre imaginários estrangeiros e alegorias nativas. Com uma alquimia ligeira, ele domestica o exótico e transforma o lugar-comum local em vocabulário visual surreal-minimalista. Consequentemente, identidade e transformação, relocação e descontextualização tornaram-se conceitos-chave na obra de Vital.

Embora pura em sua forma, a arte de Vital escapa a interpretações simples. Ao invés de oferecer conteúdo didático, ele nos incita a permanecer em movimento, em nossa percepção e pensamento. Olhar a arte de Vital, nesse sentido, implica estar alerta.

Giorgia von Albertini (1992) é escritora e curadora independente. Trabalhando em estreita colaboração com Not Vital, gerencia o estúdio do artista e trabalha como curadora na Not Vital Foundation, na Suíça.

galeria	nara	roesler
	not	vital
		saudade

11.12.2018 > 01.19.2019

Saudade

Giorgia von Albertini

In Not Vital's universe, symbols and materials travel in high velocity on the metamorphic highways of alchemy. Redefining the possible, Vital presents us with unique artworks that instigate us to acquire new ways of seeing and thinking.

Lotus flowers suddenly present themselves clothed entirely in reflective stainless steel. Removed from the mortal realm of the organic, they carry timeless buds that will forever gleam in seclusion. *Walking Sticks* are abruptly separated from their function by their enlarged size, standing before us like utopian totems. A *Tongue* turns into an obelisk, and the *Moon* lands on earth. Animated *Land-* and *Seascapes* slowly, yet unequivocally emerge out of marble plates. *Portraits* of well-known figures such as Oscar Niemeyer materialize in the form of elegant cubic sculptures made out of silver. White bronze trees extend their branches into the altitude. While unavailingly searching for their leaves, we instead encounter agglomerations of letters that together disclose meaning. *Drawings*, on the other hand, suddenly cease to be two-dimensional, obtaining sculptural qualities by means of their unorthodox materials.

In retracing Vital's capacity for transformation, and in trying to better understand his ability to decontextualize, reconfigure, and relocate cultural fragments and symbols, his own mobility emerges as an important explanatory variable: Vital was born in 1948, in Sent, a small mountain village in the Engadin valley of Switzerland. At the age of eighteen, he moved to Paris, shortly after that to Rome, and in 1976 to New York. Since then, he has been traveling unremittently to all corners of the world, living and working periodically in Agadez (Niger), Lucca (Italy), Beijing (China), Patagonia (Chile), and Rio de Janeiro (Brazil).

Propelled by a seemingly unrelenting urge to discover the world, its cultures, and their craft, Vital immerses himself into new worlds with prodigious ease. The regions that interest him the most are often remote and difficult to access, but

this does not stop him—on the contrary. By learning from and collaborating with the local methods of making that are prevalent in those areas, he creates artworks and devises projects that are just as mobile as himself.

The works that together comprise this exhibition are all the result of Vital's multilocal *vita activa* that I have briefly outlined here. Many of the works on display were made in the artist's studio in Beijing—by skillful workers who understand both, Vital's quest for the perfect form, as well as the importance of the human touch in his oeuvre. Concomitantly, in contrast to most large-scale stainless-steel sculpture, these works are not cast but chased by hand. In the course of this process, hundreds of rough little panels of steel are hammered in shape, welded together, and then minutely polished. Born in a symphony of hammer blows, Vital's sculptures harbor the human touch, yet they simultaneously emanate a sort of deep-seated, utopian quietness.

Vital's *Lotus* conceptually originate from a specifically Chinese context. The artist's first series of works that departed from the lotus flower was an installation comprised of one hundred unique lotuses, placed on the ground, and entitled *Let One Hundred Flowers Bloom* (2008). While the visual dimension of this work is profoundly meditative and aesthetic, the title conveys a political aspect: it stems from a campaign initiated by Mao Zedong in the 1950s, that encouraged people to communicate their opinions on his regime in the spirit of open discussion and progress. Yet, when intellectuals and critics started to come out, retribution swiftly ensued, and dissenters were severely punished. Presented with closed buds, cut before having had any opportunity to flourish, Vital's *Lotus* refer to both, forced stasis and potential vitality.¹ For about ten years now, Vital has worked on different reiterations of *Lotus*; each of them unique, showcasing a different posture and mood.

While the tall and totem-like *Walking Sticks* (2012) that are part of this exhibition have been made in China, their form is something that Vital has encountered before he started to embark on his travels—as a child, in his native Engadin. There, in the high-altitude mountains, children grow up collecting and carving wooden walking sticks, as well as observing the older generation climbing with such. Vital, being a prolific collector, houses a large group of such sticks at his foundation in Ardez, Switzerland. With time and travels, different sticks from all over the world joined the collection. While residing in distant China, this familiar symbol materialized as a surreal sculpture: enlarged by more than three times the original height, Vital's stainless-steel version of those walking sticks is freed from any functionalist purpose, erecting itself to fantastic heights.

In Vital's oeuvre, certain forms continue to reoccur, yet, because of their constant metamorphosis, we never quite get used to them. *Tongue* (2010) is one of those forms that Vital has been materializing in the most surprising materials and sizes for decades: it appeared in the artist's work for the first time in 1985, shortly after he had seen a cow's tongue at a butcher shop in Lucca, Italy. This tongue was thirty-nine centimeters long, strangely inert, yet endowed with some sort of surreal vitality. Vital immediately recognized the

1. Sarah Coulson, "Not Vital at Yorkshire Sculpture Park: Guide to the Exhibition", in *Not Vital* (Great Britain: Yorkshire Sculpture Park, 2016).

sculptural potential of this organ, and discerned a pathway for transformation which would enable him to transmute the familiar into the exotic, the organic into the utopian: instead of showing us just the usual tip of the tongue, he displays the whole thing; instead of presenting it horizontally, as it exists in the organic world, he chooses verticality. Just like this, by means of silent alchemy, everything can change.

Another symbol of utmost importance in Vital's oeuvre is the moon: having been deeply fascinated by it all his life, he even built a house in the Sahara desert, just for watching the moon. *Moon* (2017) represents one of Vital's most astounding efforts in his ongoing quest for that satellite: materialized entirely in white marble, this perfect large sphere seems indeed otherworldly. Walking around the moon, and caressing its craters, its shadows, and its quietly animated surface with our eyes, we are left wondering: did Vital bring the moon down to earth or did he transport us into the universe?

Marble has long been an essential medium in Vital's work. In close collaboration with marble carvers in Pietrasanta, Italy, he has since the mid-1980s produced numerous sculptures in marble, among them shoes for climbing a mountain in his native Engadin, self-portraits, and even an accessible marble tower, no less than nine meters high. Since 2011, Chinese marble has found its way into Vital's oeuvre as well. Traveling in Dali, in the Yunnan Province, he encountered their so-called dream stones. In Dali, marble has since ancient times been cut in search of images hidden within the mysterious variegated patterns of the stone's formation. Fascinated by how, in those stones, geologic hazard turns into image, and dream into reality, Vital has since then been collecting precious Dali marbles. By framing those thin marble plates with white geometric plaster constructions, he accentuates their painterly element, as well as their hallucinatory qualities. Works such as *Landscape* (2017) or *Seascape* (2017) concomitantly make us realize that mnemonic seeing and the ability to dream a reality are quintessential parts of our sensory apparatus.

The ongoing silver *Portraits*, with which Vital portrays those close or important to him, are another crucial concept in the artist's multifaceted oeuvre. Those portraits are always composed of two silver boxes that take their form and volume from the birthdates of those they represent. In this exhibition, we find a portrait of Nara Roesler, who is not only Vital's longtime collaborator and friend, but also an essential inspiration to many women working in the male-dominated field of arts. We also find Oscar Niemeyer, Ayrton Senna, Pelé, and Caetano Veloso—individuals that have made outstanding contributions to their respective fields with talent, character, and humanity. The minimalistic, yet soulful silver portraits that portray them have all been made by hand; by Tuareg silversmiths in Niger, with whom Vital has worked for more than fifteen years, continuing collaboration even in times of profound political and humanitarian crisis.

With an exemplary discussion of only five of Vital's artworks, we have already visited several places: China, Switzerland, Italy, and Niger. Being a constant traveler, Vital is familiar with both the yearning for distance and the yearning for home. In Brazil, the artist encountered the most beautiful term for this feeling of longing, that will forever accompany him on his endeavors: *Saudade*. Since 2011, Rio de Janeiro has become

a second home for Vital; a place like no other. Residing in his hometown valley in Switzerland this summer, the artist had two native trees cast in bronze, putting a letter on each of their branches. Together, those hand-crafted letters read *Saudade* – written on a tree from home, when longing for Brazil. Now, the white branches of those literary trees extend their reach into Brazilian atmospheres again: in Vital's universe, every object finds its right place.

Rio de Janeiro has not only become a second home for Vital, but it has also proved to be the best place to draw. In Santa Teresa, where Vital lives, it is not as easy to come by artistic supplies as it is in New York, Beijing, or Switzerland. And this is precisely what Vital loves: to make *drawings* with whatever is available, using not only pencil, but also unorthodox materials such as tape, cotton swabs, silicone patches, and plastic bags. The medium of drawing, for Vital, functions as an outlet for emotions, as well as a playground for experiments. Equipped with a good dose of surrealistic wit, Vital departs from paper to create drawings that with their astounding material compositions often transcend the realm of two-dimensionality. His works on paper incite us to see both, the medium of drawing, as well as the depicted subject matters with fresh eyes: the mountain in front of Vital's house in the Engadin suddenly materializes in the form of a plastic bag, in Rio de Janeiro.

In cadence with Not Vital's nomadic way of life, his art migrates dreamfully in between foreign imageries and native allegories. By means of fleet-footed alchemy, he domesticates the exotic and transforms the local commonplace into surreal-minimalistic visual vocabulary. Identity and transformation, relocation, and decontextualization have consequently evolved into central concepts within Vital's oeuvre.

Although pure in form, Vital's art detracts itself from simple interpretation. Instead of offering didactic content, he incites us to stay mobile, both in our perception, as well as in our thinking. Looking at Vital's art, in this sense, implies to be on one's toes.

Giorgia von Albertini (1992) is an independent curator and writer. Working closely with Vital, she manages his studio and is a curator at Not Vital Foundation in Switzerland.